

ATLAS LINGÜÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL: ANÁLISE DE VARIEDADES DIATÓPICAS NO NÍVEL LEXICAL

Abstract

This paper analyses "lexical unities" related to the lexical field of the atmospheric phenomena and also compiled through the investigations of the linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul (Brazil) where it is discussed the questions of the regional varieties observed in the form of designation of this phenomenon in the searched regions.

Palavras-chave: *Léxico; diferenças diatópicas; atlas lingüístico.*

A língua, enquanto forma de interação do homem consigo mesmo, com o seu semelhante e com o mundo físico, social e cultural que o cerca, é reflexo do interrelacionamento entre diferentes realidades lingüísticas e culturais. Na medida em que a língua é produto e veículo de uma cultura, ela incorpora as diferentes mutações ocorridas na sociedade e reflete a história dos povos que a utilizam como meio de comunicação.

O conhecimento e a descrição da diversidade lingüística que caracteriza os vários subsistemas da língua portuguesa do Brasil, em especial aqueles mais susceptíveis a variações motivadas por condicionantes regionais e sociais, têm impulsionado investigações de pesquisadores que atuam em diferentes níveis de descrição lingüística. No âmbito dos estudos gelolingüísticos, pesquisas têm revelado áreas de isoglossas significativas, cujo estudo pode contribuir para o resgate da história interna e externa da língua portuguesa no Brasil.

Esta comunicação reúne análise preliminar de aspectos semântico-lexicais da língua falada por habitantes do Pantanal da Nhecolândia, município de Corumbá-MS (fronteira com a Bolívia), e dos municípios de Aquidauana (Oeste do Estado, o "portal" do Pantanal), Dourados, Ponta Porã e Porto Murtinho (fronteira com o Paraguai), recolhidos através da aplicação dos inquéritos lingüísticos do projeto do Atlas lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) nessas regiões. A análise do recorte do léxico que se constituiu objeto de estudo do presente trabalho objetiva discutir a presença de "marcas" da heteroge-

neidade cultural no nível lexical e apontar diferenças diatópicas no âmbito do léxico.

O Estado de Mato Grosso do Sul (MS) situa-se na região Centro-Oeste do Brasil e sua história registra a presença de portugueses e mamelucos paulistas, na época áurea do ouro, quando as minas de Cuiabá atraíam os bandeirantes em busca de pedras preciosas, e a grande contingência de tribos indígenas facilitava a comercialização de índios. Em fase posterior de sua colonização, o Estado abrigou migrantes nordestinos, gaúchos, mineiros, paulistas, paranaenses, além de imigrantes paraguaios, bolivianos, japoneses, espanhóis. A situação de fronteira do Estado com os países latino-americanos Bolívia e Paraguai beneficia as relações comerciais e a mesclagem cultural e lingüística – brasileiros, paraguaios, bolivianos e índios convivem no mesmo espaço geográfico, gerando situações de bilingüísmos e de contatos interculturais.

A baixa densidade demográfica é responsável pelo isolamento vivido por comunidades humanas residentes em algumas regiões do Estado, particularmente as que habitam o Pantanal, localidade onde o isolamento é uma constante. O ecossistema e o estilo de vida próprios dessa região favorecem a configuração de uma realidade *sui generis*, em termos físico-geográficos, culturais e lingüísticos.

O projeto de Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), seguindo orientações teórico-metodológicas peculiares a estudos dialetológicos de natureza geolingüística, ampliadas por postulados oriundos da sociolingüística, tem contribuído para a recolha e o resgate de particularidades da língua falada nas diversas regiões do Estado e propiciado o início da descrição dos falares típicos que caracterizam essas regiões.

Selecionamos para este trabalho itens lexicais obtidos através de respostas às questões de números 24, 31, 32, 41, 42, 43, 44, 50 do Questionário Lingüístico do ALMS, agrupadas ao campo léxico-semântico fenômenos atmosféricos. Subsidiaram este estudo os dados hauridos das catorze entrevistas realizadas, até o momento, nos municípios de Aquidauana (01), Dourados (05), Ponta Porã (01) e Porto Murtinho (02) (na fase de testagem do questionário) e das realizadas no Pan-

tanal da Nhecolândia, município de Corumbá-MS (05) (já na fase de coleta de dados).

No que diz respeito à questão referente ao nome atribuído ao “vento brando e fresco que sopra à tarde” (questão 24), foram obtidas as seguintes respostas: **ar**, **vento bom**, **vento leste** (Pantanal); **vento fresco**, **vento frio**, **vento sul** (Dourados); **vento calmo** (Aquidauna); **brisa** (Ponta Porã); **vento sul**, **brisa** (Porto Murtinho).

Observando-se as respostas dadas pelos informantes, verifica-se que, em apenas duas localidades, foi apresentada a resposta, normalmente, esperada para essa pergunta – **brisa**. Interessante notar a diferença na natureza das respostas fornecidas por informantes de duas regiões bastante distintas do Estado, a Oeste onde está situado o Pantanal, de clima sempre muito quente, e a do Sul, também de clima quente, mas com o inverno mais rigoroso do Estado. Para o pantaneiro, habituado ao calor intenso, o “vento brando e fresco” tem conotação simplesmente de **ar**, de **vento bom**, de **vento leste**, enquanto para o homem fronteiriço do Sul do Estado, nos dias quentes de verão, a brisa é interpretada não só como **vento fresco**, mas também como **vento frio**, **vento do sul**, uma vez que o inverno, nessa região, sempre é anunciado com o vento vindo do Sul. Tal constatação referenda a tese da influência de fatores ambientais na forma de um grupo representar a realidade através da língua.

Já com relação à questão trinta e um – designação dada ao “céu coberto de nuvens” –, obteve-se as seguintes respostas: **nublado** no Pantanal, em Dourados, em Aquidauna, em Ponta Porã e em Porto Murtinho; **tempo fechado** no Pantanal; fechado, em Ponta Porã e “**o tempo está fechando**”, em Porto Murtinho. Já **nuviado** e **carregado** só tiveram ocorrência em Dourados e **embaçado**, **branco** e **brusco** fizeram-se representar apenas no Pantanal.

Nota-se que, a despeito de o adjetivo **nublado** – de nublar [do lat. Nubilare] – ter sido atualizado em todas as localidades investigadas, surgem, nas demais, particularidades interessantes na forma de designar o “céu coberto de nuvens” como **nuviado**, um neologismo derivado, provavelmente, de nuvem por associação e *nuvioso* (nublado, nebuloso), lexia não registrada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), doravante Aurélio, ou de **anuviar** segundo Costa e Melo (1984), “cobrir de nuvens, toldar, carregar, escurecer, nublar-se”; como **tempo fechado**, no sentido de “fechar-se o tempo” – um brasileirismo na acepção de “escurecer, ameaçando chuva”, segundo Aurélio (1986); como **carregado** – um adjetivo que nomeia “a atmosfera quando apresenta nuvens espessas e escuras, nuncias de tempestade”, conforme Aurélio (1986); como **embaçado** – adjetivo, ao que parece, derivado de embaçar, originado, provavelmente, por associação a embaciado (sem brilho) – **embaçado** é registrado por Costa e Melo (1984), na acepção de “pálido”, entre outras; Aurélio (1986), por sua vez, não registra esse verbete; e como **brusco** – adjetivo designativo de tempo “desagradável, incerto”, segundo registros de Aurélio (1986).

O conjunto de unidades lexicais obtido através das respostas fornecidas a essa questão do inquerito lingüístico demonstra que o homem pantaneiro tanto incorpora na sua fala unidades lexicais de uso geral com significados cristalizados na língua, variantes brasileira e européia – **nublado**, **carregado** –, como lança mão de brasileirismo geral com uso generalizado em praticamente todo o país – **tempo fechado** – ou de neologismos formados a partir de recursos fornecidos pelo próprio sistema lingüístico da língua portuguesa, motivados por analogia a outras lexias já existentes no léxico da língua – **nuviado**, **embaçado** –, além de recorrer ao adjetivo **brusco** com a conotação de desagradável, incerto, acinzentado, acepções já dicionarizadas, embora não muito comuns nesse adjetivo, pelo menos na linguagem correta. É provável que o caráter “repentino”, “inesperado”, “súbito” que normalmente caracteriza o surgimento do tempo **nublado** tenha motivado o uso de **brusco** para nomear esse estado climatológico.

No que diz respeito à questão de número trinta e dois – “nome dado àquela espécie de fumaça que se forma próximo ao solo e que, nas estradas, impede os motoristas enxergarem à distância” –, que objetivou colher respostas como **cerração** (“nevoeiro espesso”), ou **nevoeiro** (“nebulosidade que se forma nas camadas inferiores da atmosfera, próximo ao solo, constituída de grande número de gotículas de água em suspensão no ar, do que resulta ficar muito reduzida a visibilidade”) ou **neblina** (“névoa densa e rasteira; nevoeiro”), pôde-se notar, a exemplo das questões anteriores, uma variedade de respostas, decorrentes da forma como o utente da língua vê e representa o fenômeno atmosférico em questão. Dentre essas três lexias apontadas, a mais produtiva nas respostas dos inquiridos foi **cerração** (sete ocorrências – três no Pantanal, duas em Dourados e em Porto Murtinho).

Na seqüência, aparece **nevoeiro**, com três menções no Pantanal, e **neblina**, com duas citações, uma em Aquidauna e outra em Ponta Porã. Além dessas unidades lexicais mencionadas, outras são citadas pelos informantes: **fumaçado**, em Dourados; **neve** no Pantanal e **cheio de buerga** e **fechado de buerga** no Pantanal.

Nota-se, também nessa situação, que o sulmato-grossense utiliza, com o mesmo valor, as unidades lexicais **cerração**, **nevoeiro** e **neblina** que são de uso praticamente generalizado, no âmbito da língua portuguesa, para nomear esse fenômeno atmosférico. Considerando-se que esses três itens lexicais – embora reunindo especificidades semânticas que os diferenciam – possuem em comum, em sua essência, o traço distintivo “nebulosidade”, parece justificável serem utilizados para nomear referentes que, observados empiricamente, parecem semelhantes. Interessante o uso de **fumaçado**, adjetivo derivado de *fumaçar*, um brasileirismo caracterizado como variante de *enfumaçar*, ou seja, a ação de “encher ou toldar de fumaça”, segundo Aurélio (1986). Nota-se que, nessa situação, o usuário da língua percebe a

nebulosidade como uma espécie de “fumaça”, daí o uso de **fumaçado** para nomear o fenômeno, normalmente designado de *nevoeiro*, de *cerração* ou de *neblina*.

Já o uso de **neve** na região do Pantanal parece ter sido motivado pela associação com *névoa* – “turvação atmosférica, menos intensa que a cerração, e que não reduz a visibilidade a menos de um quilômetro” (Aurélio, 1986), já que o referente designado por essa lexia inexistia na região. Merece destaque o emprego das expressões **cheio de buerga** e **fechado de buerga** para nomear o “nevoeiro”. O exame dessas ocorrências permite inferir-se que “buerga”, unidade léxica não dicionarizada, configura-se como uma variante de “bruega” unidade léxica que, segundo o lexicógrafo Aurélio (1986), é designação atribuída à “chuva miúda e passageira”. Costa e Melo (1994) também registram “bruega” como “chuvisco passageiro”. Já Ortêncio (1983), no verbete “bruega”, considera essa lexia como uma variante de “broega” – chuvisqueiro. Cunha (1996), por sua vez, informa tratar-se de unidade léxica de etimologia origem obscura, talvez de formação expressiva, e atribui a **bruega** a definição de “chuva miúda e passageira”. Observa-se, por fim, que na situação específica de **buerga**, parece ter ocorrido uma mudança fonética no nível do significante e uma ampliação do significado da lexia, na medida em que o usuário da língua atribui o sentido de “nevoeiro”. Sublinhe-se que as lexias **cheio de buerga** e **fechado de buerga** foram mencionadas por informantes diferentes de uma mesma região, o que parece configurar a **buerga**, corruptela de “bruega”, o estatuto de específica do falar do homem pantaneiro.

Na continuidade, examina-se as designações atribuídas à questão cinquenta – “nome dado àquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã”. Obteve-se, nas respostas a essa questão, as unidades lexicais **orvalho**, com cinco ocorrências, duas no Pantanal e três em Dourados; **sereno** com nove atualizações, três no Pantanal, duas em Dourados, uma em Aquidauana, uma em Ponta Porã e duas em Porto Murtinho; **neblina**, apontada apenas uma vez no Pantanal. Atente-se, porém, para o fato da distribuição equitativa entre as ocorrências de **sereno** e **orvalho** nas localidades investigadas e da única atualização de **neblina**, nessa acepção, no Pantanal.

Pode-se notar que, também nessa situação, o usuário da língua, ao designar de **neblina** esse fenômeno, recuperou uma das definições atribuídas a essas lexias – “chuva fina e pouco duradoura” (**sereno**/brasileirismo geral); “chuva muito miúda; chuvisco” (**orvalho**); “chuva miúda, fina” (chuvisco, um brasileiro do Nordeste, na acepção de *neblina*), todas registradas por Aurélio (1986). Constata-se ainda que, na visão dos informantes, o significado de **neblina** confunde-se com o de **garoa**, como se perceberá no exame desse item léxico, a seguir.

Nas respostas dadas para a questão quarenta e dois – “nome que se dá à chuvinha miúda, demorada” – a unidade léxica **garoa**, designação normalmente atribuída à chuva muito fina, miúda e persistente, foi

citada por onze informantes – cinco do Pantanal, três de Dourados, um de Ponta Porã e dois de Porto Murtinho. Já **neblina** foi citada duas vezes – uma no Pantanal e uma em Dourados, enquanto **garoinha** e **chuvisco** só foram recuperadas por um informante de Dourados. Por fim, surgem as lexias, contendo a unidade léxica “chuva”: **chuva fina**, **chuva calma**, em Dourados, e **chuva de molhar bambu**, em Aquidauana.

Conforme o mencionado, observa-se, pelas respostas dadas a essa questão, que fenômenos, cientificamente considerados distintos, são percebidos pelo homem comum como semelhantes. Isso explica o uso de uma mesma unidade léxica – **neblina** – para nomear duas manifestações atmosféricas distintas. Importante sinalizar para a expressão **chuva de molhar bambu**, usada para designar a “chuva fina, miúda e constante”, talvez motivada pelo fato de a garoa configurar-se como um tipo de “chuva” que não consegue umedecer a terra o suficiente, pois “chove um pouquinho aqui e ali”, por isso o “molhar somente os bambus” – gramínea “caracterizada pela altura excepcional do colmo, que alcança muitos metros” (Aurélio, 1986). Assim, dadas as suas características, a garoa molharia apenas o topo dos pés de bambus, daí a motivação do surgimento da expressão **chuva de molhar bambu** para definir a **garoa**.

Já as questões quarenta e três – “chuva de verão que dá e passa logo” – e quarenta e quatro – nome de um tipo de chuva com cubinhos de gelo – objetivam recuperar lexias que designem espécies de chuvas. A primeira refere-se às designações atribuídas às “primeiras chuvas da estação chuvosa, que caem em setembro e outubro” – **chuva-de-manga** -, um brasileiro de Goiás, segundo Aurélio (1986). Para esse tipo de chuva foram apontadas as seguintes designações: **chuva de manga**, duas vezes no Pantanal e uma em Porto Murtinho; **uma manga de chuva**, no Pantanal; **manga de chuva**, duas vezes no Pantanal, uma em Dourados e uma em Ponta Porã; **chuva passageira**, **chuva bem grossa**, **pé-d’água**, em Dourados; **manga**, em Aquidauana; **garoa**, em Ponta Porã; **aguaceiro**, em Porto Murtinho.

Nota-se que a expressão corrente **manga-d’água**, sinônima de *aguaceiro* – “chuva repentina e de pouca duração” (Aurélio, 1986) – e suas variantes – **uma manga de chuva**, **chuva de manga**, **manga de chuva**, **manga** – são recuperadas pelo homem sulmato-grossense, na maioria das localidades pesquisadas. Vale registrar que Ortêncio (1983), em seu Dicionário do Brasil Central, registra que em Goiás, Estado da região Centro-Oeste, que faz fronteira com Mato Grosso do Sul, **chuva-de-manga** designa os “primeiros chuviscos que caem por ocasião da entrada das chuvas (setembro-outubro). É nessa época que as mangueiras florescem”. Costa e Melo (1984), por seu turno, registram no verbete **manga** a acepção “tromba-d’água”.

Soma-se ainda a presença das expressões **chuva passageira**, **chuva bem grossa**, **pé-d’água**, apontadas para designar o mesmo referente. Nota-se que

os semas “passageiro”, “repentino” mantêm-se nas lexias **chuva passageira** e **pé-d’água** – chuva forte, passageira; aguaceiro, segundo Costa e Melo (1984) – e muito provavelmente também em **chuva bem grossa**, uma vez que esse foi um dos nomes atribuídos para as chuvas passageiras de verão que, normalmente, são rápidas e fortes.

Já a questão quarenta e quatro – “nome de um tipo de chuva com cubinhos de gelo” – favoreceu a recolha das seguintes designações: **chuva de pedra** com onze atualizações, quatro no Pantanal, cinco em Dourados, uma em Aquidauana e uma em Porto Murtinho; **chuva de granizo** com três ocorrências, uma no Pantanal, uma em Dourados e uma em Ponta Porã; **chuva de flor** citada quatro vezes em Dourados; **chuva de gelo** e **chuva de granito**, mencionadas apenas uma vez, respectivamente, em Dourados e em Porto Murtinho.

A observação do conjunto de designações obtido, através das respostas a essa última questão examinada, permite constatar-se que, em exceção de **chuva de flor**, todas as designações apresentam semas que remetem à idéia de gelado (**granizo, gelo, granito, pedra**), considerando-se que, nesse contexto, as conotações de “dureza”, “consistência” próprias da pedra e do granito, advêm da transformação da água em gelo.

Interessante sinalizar para a metáfora **chuva de flor** (com quatro ocorrências em Dourados) utilizada para nomear a **chuva de granizo**. Segundo as informantes, tal nome justifica-se porque a “chuva de flor cai tudo em pedrinhas assim formando uma flor”. Salvaguardando-se os limites do *corpus* disponível, poder-se-ia inferir que a designação **chuva de flor** representa, no âmbito de MS, uma particularidade da linguagem douradense.

A análise das unidades léxicas focalizadas neste trabalho, apesar de preliminar, forneceu mostras da variação espacial no nível do léxico, o que permite o delinear de algumas isoglossas na língua falada em MS, no âmbito do léxico. Por exemplo: **chuva de flor, vento fresco, vento frio** e **nuviado** tiveram ocorrên-

cia somente em Dourados; **cheio de buerga, fechado de buerga** ocorreram apenas no Pantanal.

Há que se acrescentar, ainda, o fato de algumas designações referentes aos fenômenos atmosféricos apontadas por informantes de MS terem sido registradas em Atlas Lingüísticos de outros estados brasileiros. Dentre outras, pode-se citar: **sereno, orvalho, neblina** e **garoa** (questão 50) – as quatro registradas no Atlas da Paraíba e as duas primeiras no do Paraná; **chuva de flor, chuva de pedra, chuva de granito, chuva de gelo** (questão 44) presentes no Atlas do Paraná; **cerração, nevoeiro, neve, neblina, nublado, fumaça**, algumas registradas no Atlas do Paraíba (**cerração, nevoeiro, neve, nublado**), outras no do Sergipe (**nevoeiro, neve, neblina**), algumas no do Paraná (**neblina, fumaça, cerração**) e uma no da Bahia (**neve**).

A análise apresentada permite-nos observar que o sul-mato-grossense, a exemplo de habitantes de outros estados brasileiros, ora assimila elementos do vernáculo que se mantiveram na modalidade brasileira da língua portuguesa, ora nomeia de forma particular os estados climatológicos. A história da colonização e povoamento do Estado de MS pode ser um dos caminhos para explicar a presença desses fatos lingüísticos na linguagem do grupo.

Referências Bibliográficas

- COSTA, J. A. E MELO, A. S. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 7ª edição. Porto: Porto Editora Ltda, 1994.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.
- ORTÊNCIO, B. *Dicionário do Brasil Central*. São Paulo: Editora Ática, 1983.